

Brasil em chamas, e uma sociedade de risco

POR FELIPE ADRIANO ALVES DE OLIVEIRA



FOTO [DISPONÍVEL AQUI](#)

Do segundo semestre de 2019 ao início de setembro de 2020, um intervalo de praticamente um ano, dois dos principais biomas brasileiros foram alvos de queimadas. O primeiro caso, em 2019, foi da Floresta Amazônica, e recentemente, tem sido o Pantanal em que as queimadas consumiram 12 % da área¹. As perdas são irreparáveis, algo que jamais o dinheiro poderá recuperar. O que mais agrava esses eventos é a negatividade e o lado sombrio que os representantes do Estado brasileiro têm manifestado. Acusações sem substância, comentários visando ridicularizar os fatos, e manipulações fotográficas que a cada momento servem de conteúdo às fake news. Isso representa apenas uma pequena parte dos que estão regendo o país.

Poderíamos ficar atônitos com tais condutas voltando-nos apenas para esses gestores, mas eles são reflexos da nossa sociedade atual, espelhos da realidade que estamos imersos. Na realidade é mais simples e cômodo quando o olhar está direcionado para o outro, e não nos damos conta que, em algum momento, podemos reproduzir as mesmas atitudes, sendo mais específico, apenas um desses comportamentos, a negligência.

Quando há um discurso envolvendo o meio ambiente, parece haver certo descolamento com a realidade. O pensamento recorrente quando se pensa nele é ilustrado por paisagens naturais intocadas, fauna e flora diversas, ou seja, a própria visualização da Floresta Amazônica ou qualquer outro bioma natural brasileiro. No entanto, esse “meio” não se resume apenas aos biomas, ao natural. O meio ambiente também é o lugar onde se vive, estuda, e trabalha, ou seja, o “meio” é a parte de um todo.

Até poderia dizer que nos falta consciência ambiental, por isso a indiferença tanto dos governantes, quanto da população. Dessa forma, podemos partir para um conceito chave na tentativa de compreender a falta de responsabilidade ambiental e que tem um potencial de mudar determinadas ações, seja por parte da própria sociedade ou de algumas empresas que se destacam na degradação ambiental. O conceito referido é o de “risco”. Vale ressaltar que sem a noção de risco os possíveis desastres - juntamente com as alterações climáticas - podem piorar.

Os desastres não se limitam apenas a um determinado espaço, mas dependendo da sua proporção podem se espalhar para as demais regiões do país e do globo.

O motivo de utilizar o conceito de risco se aplica à relação entre homem e natureza ao longo da história. Esse contato consolidou-se muitas vezes de forma degradante, e com isso os riscos tem se manifestado constantemente, como nos casos de soterramentos (ocasionados pelos deslocamentos de terra devido à erosão do solo), por exemplo, conferindo características mais locais.

Já com o desenvolvimento tecnocientífico no pós século XX e as guerras mundiais, os fenômenos resultantes têm ganhado dimensões maiores, em escala continental e possivelmente global, como as explosões nucleares de Hiroshima e Nagasaki, a do Atol de Bikíni, e a do reator nuclear de Chernobyl durante os momentos finais da Guerra Fria. Intencionais ou não, o que estava em jogo eram as sociedades e o meio ambiente incluídos nesses processos, levando a perdas irreparáveis. De acordo com Giddens (1991)², dentro dessas causas instáveis, poder hegemônico e ações desenfreadas do consumismo, somos uma sociedade de risco.

¹ Informação disponível [na íntegra aqui](#).

² GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991. LIVRO

Em meio a tais inseguranças, sabemos que, se a continuidade desses processos desconsiderando risco social e ambiental for cada vez mais crescente, a falta de recursos naturais caminha a passos largos, podendo resultar na luta pela sobrevivência, sendo aqueles com maiores concentrações de riquezas, os principais privilegiados nessa luta injusta e genocida. Por mais que seja algo projetado para o futuro, já é possível observar suas consequências: como no incêndio citado no início do texto, na Floresta Amazônica, em que vários locais do país, inclusive o estado de São Paulo, ficaram cobertos por nuvens escuras e o aspecto prévio do entardecer estava visível às 15 horas da tarde. Dias depois, o incidente ocasionou ondas de frio.

Não são somente as populações que saem prejudicadas com os riscos ambientais, mas as próprias empresas, principais protagonistas do setor econômico, também são afetadas. Dessa forma, são obrigadas a gerir com as casualidades dos riscos, e os custos são altos quando ocorrem acidentes. Se houvesse análise de riscos e prevenção de forma eficaz, esses valores poderiam ser poupados, além da imagem dessas entidades ficarem marcadas como responsáveis por um determinado desastre, a título de exemplo, o caso de Mariana e Brumadinho em Minas Gerais³.

³ GORTÁZAR, N, G. Vale perde 6,6 bilhões de reais em 2019 por causa do desastre de Brumadinho. Fonte: [El. País](#).

Mas quais são as ações da nossa sociedade que se diz tão ansiosa pelas mudanças, que ao invés de apostar em sua própria força, aposta nos discursos falaciosos de uma pseudo-representatividade que nas redes sociais se movem com guerras de pós-verdades? A resposta encontra-se nas reações on-line, o mesmo modus operandi daqueles que nos representam politicamente. E sim, mais uma vez, os personagens da nossa política nada mais são do que a representação da sociedade que os elegem.

Parece mais fácil e visível vociferar e publicar virtualmente do que interagir com o meio em que se vive, cooperar, dialogar com as instituições ou entidades, propor medidas com seus representantes, marcar presença, cobrar, vivenciar a política, tornar-se político sem precisar institucionalizar-se. Assim sendo, pequenas ações podem desencadear grandes feitos, não é algo que se conquista para agora, mas para o amanhã, em longo prazo.